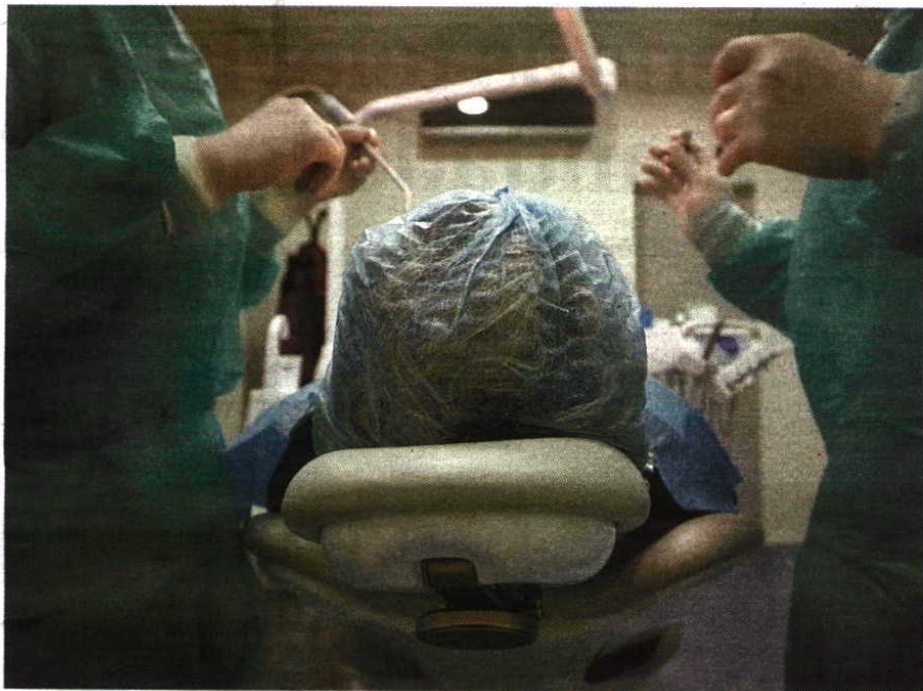




Atual 1 Saúde

Portugueses cortam nos seguros e consultas privadas

Crise. No ano passado quase 26 mil portugueses prescindiram do seguro de saúde e o sector dá conta de nova descida. Clínicas notam grande diminuição na procura e já falam em fechos



Consultórios dos dentistas são dos que mais sentem diminuição da procura

PATRICIA JESUS

As famílias portuguesas já começaram a cortar nas consultas no privado e nos seguros de saúde. No ano passado 25 850 pessoas prescindiram do seguro, segundo dados do Instituto Português de Seguros (IPS), e este ano o relatório do primeiro semestre indica que este ramo "apresentou uma quebra na sua produção", que atribui "às atuais condições económicas do País". Os consultórios sentem quebras de procura que chegam aos 50% e já falam em encerramentos.

Nas clínicas sem acordos com seguros a situação é grave. "A diminuição do rendimento disponível das famílias traduz-se na menor procura de cuidados de saúde. Chegamos-nos muitos relatos de diminuição da procura e a partir de determinada altura do mês é notório", diz José Mário Martins, presidente da Associação Portuguesa de Clínicas Médicas (APCMG).

Henrique Soudo, presidente da Federação Nacional dos Prestadores de Cuidados de Saúde (FNS), acrescenta que nas clínicas convencionadas, as análises, radiologia e reabilitação tiveram uma quebra de 30 a 40%. "Nota-se na

minha clínica e todos os colegas com quem falo dizem o mesmo. Já há despedimentos e a médio prazo prevejo fechos".

Henrique Soudo lembra ainda que as clínicas que agora fecharem não vão voltar a abrir e que isso é especialmente grave longe das grandes cidades, colocando em risco o acesso à saúde. "É verdade que muita gente já tem seguro de saúde, mas a faixa da população com mais 65 anos e os que têm um rendimento mensal de menos de mil euros não interessam aos seguros. E o Estado, por enquanto, não oferece consultas de especialidades fora dos hospitais". Nos hospitais, no ano passado, o tem-

po de espera para consultas de especialidade dispararam, com dois terços dos doentes a esperarem mais de um mês por uma consulta que os médicos de família indicaram como "muito prioritária".

Quanto aos seguros, o número de pessoas cobertas por seguros individuais desceu pela primeira vez em muitos anos em 2011, ficando nas 993 mil pessoas. Por outro lado, há mais de um milhão cobertas por seguros de grupo, como os oferecidos pelas empresas aos trabalhadores. E este último número continuou a crescer no último ano, com mais 20 mil.

Para estes é mais simples recorrer a clínicas e hospitais com acor-

dos com os seguros, porque assim precisam de pagar apenas uma taxa. No privado "puro", sem acordos, os utentes têm de pagar e depois, se tiverem seguro, enviam a fatura para serem reembolsados.

Na Clinolival não há acordos. Lurdes Lourenço está ao balcão do consultório lisboeta há 38 anos, e gere a marcação de consultas há tempo suficiente para reconhecer uma crise. "Temos muitos especialistas mas está tudo pela metade, menos 50% do que o costume. As pessoas não têm dinheiro e não está a ser nada fácil." O que aguenta a clínicas são os "médicos muito antigos" e a única consulta para a qual não tem mãos a medir, psiquiatria. Outras clínicas preferem não avançar dados (ver caixa).

Para o bastonário da Ordem dos Psicólogos, Telmo Baptista, a incapacidade de os utentes pagarem as consultas surge numa altura crítica. "Acontece no momento em que as pessoas mais precisam. A crise aumenta a ansiedade e há a desorganização natural que cria nas pessoas e nas famílias." E o público não tem resposta suficiente, argumenta. Também os dentistas têm sentido muito a crise: no último congresso da Ordem foi apresentado um estudo que dizia que 5,6% não estão a trabalhar.

NEGÓCIO

Desmarcações em cima da hora

» Não é fácil encontrar quem abra o jogo sobre o negócio: o DN contactou várias clínicas de norte a sul do País e recebeu muitas respostas negativas. Num consultório do centro de Lisboa, com 15 médicos, admitiram que a quebra se nota mais desde setembro e atinge os 25%. Com a condição de não se citarem nomes. "De

uma semana para a outra tínhamos as consultas cheias e agora não. E muitas vezes desmarcam em cima da hora ou não aparecem." Noutro, de estomatologia, admitiram que a "quebra já se nota desde o final do ano passado e agravou-se este ano. Sem o subsídio de férias cortaram nos tratamentos maiores", diz a rececionista.

SNS

Tempos de espera dispararam em 2011

» A demora no atendimento no Serviço Nacional de Saúde empurra quem pode pagar para o privado

164 mil à espera

de uma primeira consulta de especialidade, no final do ano passado

52% não têm resposta no tempo recomendado, em Oftalmologia, uma das especialidades mais difíceis

2/3 dos utentes esperaram mais de um mês por uma consulta de especialidade "muito prioritária"

4 PERGUNTAS A...

"Vão contribuir para aumentar listas de espera"



JOSÉ MANUEL SILVA
Bastonário da Ordem dos Médicos

A crise está a afetar a procura de consultas no privado?

Não tenho um panorama geral, mas da informação que vou tendo nota-se uma redução acentuada, sobretudo no pequeno setor privado, que é aquele que conheço melhor. É naturalmente uma reflexão da crise, tal como é a redução das consultas presenciais nos centros de saúde e de urgências nos hospitais. A ideia que dá é que a população está a recorrer menos aos cuidados de saúde. São reflexos inevitáveis da crise, as pessoas não têm dinheiro.

Que consequências pode ter esta quebra de procura nos pequenos consultórios no acesso aos cuidados de saúde?

Obviamente que os pequenos consultórios são importantes, até porque eram um alívio para o SNS. É preocupante se associarmos isto a uma redução da capacidade de resposta do SNS. Porque teoricamente estas pessoas podiam ser facilmente atendidas no setor público, só que o SNS está também a sofrer estrangulamentos no seu financiamento.

O doentes encontram resposta no público?

Vão contribuir, certamente, para aumentar as listas de espera.

A concorrência dos grandes grupos privados da saúde também tem peso?

Há outro aspeto extremamente importante e de grande repercussão. Foi agora aprovada nova legislação de licenciamento para consultórios privados que vai estrangular o pequeno setor privado e parece feita à medida para beneficiar os grandes grupos. É um ataque do Estado aos pequenos prestadores de cuidados médicos, impondo regras que são impossíveis de cumprir.

A intenção do Governo de levar as consultas de especialidade dos hospitais para os centros de saúde pode ajudar a melhorar o acesso?

Tudo o que seja aproximar os recursos médicos dos cidadãos e aumentar o diálogo entre os cuidados de saúde primários e os hospitalares fez sentido e é positivo.



Crise

Menos seguros de saúde e fuga de consultas no privado

ATUAL PÁG. 2